

## Editorial

### Mundo Imagem: Fotografia e Experiência

*Antonio Fatorelli e Victa de Carvalho*

Inúmeros discursos se propuseram, ao longo da história, a dar conta da experiência fotográfica nas suas variadas circunstâncias de produção e de percepção. Sob o crivo das ciências fisiológicas, da cognição, da literatura, da história ou das artes, a fotografia vem resistindo às definições conceituais e solicitando, de modo recorrente, outras formas de interpretação. Múltipla e polissêmica, ela ocupa um lugar central na produção visual desde o século XIX, ao mesmo tempo em que desperta, no âmbito da teoria importantes questionamentos sobre os regimes de imagem e de observação.

A premissa de que a imagem fotográfica e a experiência autêntica com o mundo ocupariam lugares distintos tornou-se lugar comum na modernidade. Em muitos casos, essa distinção aconteceria por uma incapacidade da fotografia para dar conta da complexidade do real, em outros casos por uma preferência pelo consumo de imagens em detrimento ao próprio real.

Em seu ensaio “O Mundo-Imagem”, Susan Sontag aponta para a possibilidade de duplicação do mundo pela técnica fotográfica. A hipótese de que as imagens engendrariam duplos da realidade encontra-se ancorada na suposição de que a fotografia constitui-se como um vestígio do real, uma operação fundamentada em uma relação mágica primitiva entre o mundo e as imagens. O privilégio da imagem estaria, nesse caso, diretamente associado a um enfraquecimento da noção de real, que passa a ser experimentado através de imagens. Como colecionadores obsessivos, produzimos e consumimos fotografias tanto para expandir nosso conhecimento do mundo, como para controlar e substituir a intensidade das experiências que passamos a realizar como observadores de imagens.

Nessa perspectiva, experiência e imagem jamais coincidiriam, e o ato de fotografar implicaria, irremediavelmente, em abrir mão da experiência com o mundo. Hoje, quando dizemos que a imagem torna-se o lugar de nossas experiências, dizemos também que o nosso regime de imagem se modificou, e com ele, nosso regime de observação. Invertendo a fórmula platônica da representação, podemos dizer que vivemos atualmente em um “mundo imagem” onde sujeito e objeto, observador e imagem, verdade e falso são categorias insuficientes para dar conta da nossa relação com as imagens fotográficas.

Esta edição da Revista Eco-Pós tem como objetivo retomar algumas das principais teses da fotografia que buscaram dar conta das possibilidades de experiência com a imagem na modernidade para pensar a experiência fotográfica atual. Reticentes face aos discursos das essências e das ontologias, os autores aqui escolhidos abordam problemas como a indexicalidade e a iconicidade, a complexidade das relações entre fotografia e real, original e cópia, experiência e imagem, as passagens entre a imagem fixa e a imagem em movimento, e os seus novos usos nas redes sociais. Diante de uma realidade intensamente hibridizada, convém rever o papel das imagens na nossa relação com o real. Como precursora das imagens técnicas, a fotografia mantém-se fiel no papel de problematizar a nossa experiência com o mundo e com as imagens.